



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GR



Gaiato

Quinzenário • 20 de Outubro de 2012 • Ano LXIX • N.º 1790 • Preço: 0,33 € (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Pai Américo – 125 anos de nascimento

A 23 de Outubro de 1887, em Galegos, Penafiel, nasceu uma criança a quem foi dado o nome de Américo, na família Monteiro de Aguiar. Uma criança a quem Deus deu uma singular vocação: viver a sua vida por amor dos outros, carentes de justiça.

Sendo especial, no modo como se fez sentir e compreender por ele, também o foi no modo de se concretizar.

Percebe-se a presença de Deus a acompanhar os sentimentos e passos de Américo, intuindo-se a mesma desde o início. Pai Américo emperrou e não pôde dizer-nos “como subiu ao altar”. Era o “eu” a não deixar. Mas, nos Profetas, Deus inscreve a sua marca: «Antes que saíesses do seio materno, Eu te consagrei, e te constituí profeta entre as nações.»

A acção dos adultos no desenrolar da vida de Américo desde criança até à juventude, particularmente a de seu pai, impedindo-o de seguir a vida sacerdotal logo desde a adolescência, como era a sua vontade, só pode ser interpretada como uma influência mais Divina que humana – alguma vez seria o mesmo Padre Américo, caso não tivesse havido esse entrave de seu pai? Não foi fundamental o acumular de experiências e sabedoria em sua vida, até aos 36 anos de idade, como preparação para a vida daquele que veio a ser Pai Américo? Certamente que sim.

Como se torna perceptível esta acção de Deus na vida daqueles que Ele chama para o Seu serviço e, implicitamente, ao serviço da Humanidade em âmbito mais ou menos alargado!? Aquilo que para o comum das pessoas são meras circunstâncias, sem ligação alguma ao querer de Deus, tem por detrás, muitas vezes, a mão d’Ele agindo de forma irrepetível e distinta em cada um dos que escolhe.

Também, nesta hora, acreditamos que, em muitos, vai efectuando um trabalho continuado no coração e inteligência deles, preparando-os, com a sua colaboração, para serem trabalhadores da sua seara; nós, contados entre estes, lembramos-lhe neste acontecimento celebrativo, que queremos estar presentes nesse trabalho e nos seus frutos.

Banda Desenhada

FOI para fazermos chegar, de um modo simples e prático, especialmente aos de mais jovem idade, o conhecimento de muitos momentos marcantes que constituem o fio da vida de Pai Américo, que temos agora a iniciativa de produzir uma Banda Desenhada sobre a mesma.

O primeiro capítulo, denominado «Américo», sai anexado a cada exemplar d’O GAIATO nesta data publicado. Refere-se ao período de tempo que vai desde o seu nascimento até à época em que a sua vida ganhou um novo e decisivo rumo, no ano em que completou 36 anos de idade.

Outros capítulos se seguirão, como temos previsto, ao longo deste ano comemorativo dos 125 anos do seu nascimento, esperando daqui a um ano termos um volume interessante e de fácil leitura sobre a sua biografia, complementando o que já existe. Os que estudam a pedagogia que pôs em prática nas Casas do Gaiato e os que reproduzem a sua palavra profética ocupam lugar de destaque na bibliografia que se lhe refere.

O epíteto que os jornais lhe atribuíram à época da sua morte de «O grande apóstolo deste Século», é o reconhecimento da acção da mão de Deus na sua vida e Obra, dando-lhes o sabor Divino que caracteriza as obras que nascem na eternidade e por isso não acabam. Este sabor foi nele o amor que Deus tem aos Seus Pobres e que Pai Américo cumpriu. □



BENGUELA

Padre Manuel António

Amor ao serviço da vida

«A minha alma glorifica ao Senhor...» É o início do cântico de acção de graças. O meu coração quer partilhar convosco a alegria da chegada do Padre Quim à nossa Casa do Gaiato de Benguela. Vem trabalhar connosco. Nasceu Padre, na diocese de Malanje, há um ano e três meses. Podemos dizer que é um neto da nossa Casa do Gaiato. Quer gastar a sua vida, ao serviço do Reino de Deus, nesta porção da humanidade mais pobre, mais abandonada, mais excluída socialmente. Há uma única razão: O amor. Recordo, neste momento, as palavras dum grande Bispo que justificava a sua devoção para com a Obra da Rua, com esta imagem: *Vejo as Casas do Gaiato como uma janela, por onde crentes e não crentes podem ver o rosto de Deus e da Igreja, como expressão do Seu amor maternal para com os mais pobres, os mais necessitados.* É uma linguagem admirável e encorajadora. Por isso, acrescentou: *Quem me dera houvesse mais seminaristas com essa vocação.* Os meus ouvidos escutaram e o meu coração guardou esta mensagem para a reviver, no momento presente. Pai

Américo, nos últimos anos da sua vida, ouviu algumas vozes com lamentações, deste género: *Que pena este homem morrer! A Obra que fundou vai morrer também!* A resposta de Pai Américo não faltou, no momento oportuno: *É a ignorância a falar, dizia. A Obra da Rua não é minha, é de Deus!* A palavra de Pai Américo cumpriu-se. Depois da sua morte, Deus suscitou vocações de Padres e, seis anos depois, o seu sonho de implantá-la, em Angola e Moçambique, cumpriu-se. Partilho convosco esta mensagem rica e cheia de esperança, na hora em que o Padre Quim entrega a sua vida, ao serviço da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Que seja feliz connosco!

O número de filhos da rua aumenta. Já o temos dito, mais do que uma vez: A causa da maior parte destas situações dolorosas está no abandono dos pais, sobretudo. Ajudam a gerar os filhos e, depois, abandonam-nos. Fogem, covardemente, produzindo vítimas inocentes. Que fazer? Os membros activos e conscientes da sociedade não podem ficar

Continua na página 3

PÃO DE VIDA

Ausência de pai

NOS rostos da humanidade ferida é bem visível Cristo Crucificado, o Rosto do Pai que, na Cruz, não abandona o Seu Filho. Maria está de pé junto d’Ele.

Em tempos difíceis, a Caridade tem uma grande força evangelizadora e o compromisso pela promoção da família é medular. Não é de baixar os braços, na linha da dignidade transcendente do ser humano.

Fomos criados para ser felizes! Esta verdade indesmentível é a vocação de toda a pessoa humana e que permanece para a eternidade. A realidade do sonho é que as famílias estejam fundadas no matrimónio e abertas à vida; e que os filhos vivam em famílias unidas e com um ambiente moral saudável para o seu desenvolvimento. A presença contínua dos pais e avós, no serviço mútuo e equilibrado, é um benefício inestimável em qualquer sociedade e cujos efeitos são duradouros. Quem vive com perseverança a sua maternidade e paternidade, *no curso da vida*, experimenta esta realidade visceral, de cruz e beleza.

Contudo, muitos dos mais novos não se criam nem convivem neste modelo familiar ideal, devido aos conflitos, às migrações e aos desvios. Também há enfermos e idosos que têm de deixar o seu meio, quantos deles passivos em lares, nesta sombra demográfica ocidental. Apesar de tudo, pressente-se uma ânsia pessoal e social de viver em estabilidade familiar, como reduto seguro diante das transformações em curso.

É por demais evidente que o crescimento e a aprendizagem vão acontecendo mais fora do ambiente familiar, tendo os estabelecimentos de ensino um grande papel. Pena é que haja instrução deformadora e com lacunas graves. A missão dos pais é que não pode ser negligente.

Nesta gota do imenso oceano da escuta amiga e para encaminhar filhos perdidos para a maturidade, vamo-nos deparando com situações e petições em que se revelam desacertos que clamam ânimo e presença efectiva. Diante de nós, depois da azáfama do despertar e da largada das mesas com magdas de leite, magotes de garotos mexidos descem as calçadas

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

QUE CADA PARÓQUIA CUIDE DOS SEUS POBRES — O Conselho Central do Porto está a promover a boa campanha de fazer com que haja uma Conferência Vicentina ou outra organização do género em todas as paróquias da diocese. É “Campanha 477” por referência ao número dessas paróquias. Devia ser assim nas restantes dioceses do país.

Na parte que nos toca, como não podia deixar de ser, já manifestamos a nossa disponibilidade para colaborar, nomeadamente no que se refere a paróquias vizinhas sem Conferência Vicentina. Desde há muito e também agora temos ajudado e estamos a ajudar pessoas dessas paróquias. Continuaremos a fazê-lo enquanto não houver Vicentinos por lá que o façam, mas seria melhor que eles existissem.

Para isso, não basta haver pessoas com disponibilidade para serem Vicentinos. O papel dos párocos no apoio à criação e funcionamento das Conferências Vicentinas também pode e deve ser muito importante. Esperemos que assim seja.

Nos tempos que correm e nos que aí vêm é muito importante haver em cada paróquia quem esteja atento às necessidades de quem precisa de ajuda, mesmo que essa ajuda possa ser “pouca” e tenha as virtudes e os defeitos dos seres humanos que se voluntariarem para isso.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa. E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt Telem.: 965464058 □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Como é do conhecimento de todos os que leram os jornais anteriores, realizar-se-á em 21 do corrente mês, em Coimbra, a comemoração dos 125 anos do nascimento de Pai Américo.

Apelamos a todos os associados para que marquem presença, comprovando, assim, a nossa gratidão filial por termos sido acolhidos no seio da Obra de Amor que Pai Américo foi criando ao longo da sua vida, depois de ter respondido, sem condicionantes, ao apelo de Deus que o impeliu para tão nobre missão — empenhar-se na defesa dos mais necessitados e no compromisso de dignificar as suas condições de vida.

Ao programa já publicado, acrescentamos que os «antigos gaiatos» devem fazer-se acompanhar de componentes simples, sugerimos não doces, para o almoço/merenda partilhados, a realizar nas instalações da paróquia de São José, em Coimbra.

Damos ainda conhecimento de que após a actuação dos rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, deslocar-nos-emos à Avenida Dias da Silva, em Coimbra, para manifestarmos publicamente a nossa gratidão para com Pai Américo, colocando junto ao seu busto um ramo de flores.

Dá o teu contributo, estando presente. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

125 ANOS DO NASCIMENTO DE PAI AMÉRICO — A edição deste jornal sai na véspera da Comemoração do Nascimento do nosso Pai Américo, a 21 de Outubro, em S. José, Coimbra, para a qual todos estão convidados. Daremos notícias deste evento e esperamos anunciar outras iniciativas.

CONSULTAS — Como é necessário, temos tomado as vacinas, no Centro de Saúde, para ficarem todas em dia. Nos hospitais de Coimbra, temos ido às consultas marcadas, nas várias especialidades. Infelizmente, há Rapazes a partir dos 13 anos que não têm isenção de taxa moderadora.

ENSINO — Já foram comprados os livros indispensáveis do 1.º ao 3.º Ciclo e, como é evidente, as facturas foram pesadas. Também foi adquirido algum material escolar em falta.

AGROPECUÁRIA — A actividade agrária não tem folgas. Depois de alguns dias de chuva, acabaram de se apanhar as espigas de milho grão, que guardámos num celeiro próprio, para serem desfolhadas e debulhadas. Recolheu-se o resto das abóbo-

ras. Foram fresados os pomares, de cima e dos citrinos. Foi preparado também o terreno da horta; onde, depois, foram plantados cerca de sete centos de couve troncha, comprados na feira. Aí adquiriram-se ainda três dezenas de frangos. Compraram-se dois suínos para criar. Colheram-se duas latadas de uvas de mesa. □

PAÇO DE SOUSA

PAI AMÉRICO — No dia 23 de Outubro Pai Américo faria 125 anos de nascimento e para celebrar esta data, no dia 28 de Outubro, pelas 10 horas, celebrar-se-á a Eucaristia na paróquia de Galegos, terra natural de Pai Américo, com a participação do nosso Padre Júlio e de rapazes da nossa Casa de Paço de Sousa. Estão todos convidados.

VISITAS — No passado Domingo um grupo de Vicentinos de Fervedo, Arouca, vieram visitar-nos e participaram da nossa Missa e acompanharam o nosso belo coro e foi notória a presença destes nossos amigos. Obrigado pela visita.

CASA — Assim como as formigas durante o verão foram armazenando alimentos para se alimentarem durante o rigoroso Inverno, nós também não fomos excepção, durante o verão foi-se armazenando a madeira

que os nossos rapazes iam cortando para que possamos aquecer as nossas caldeiras e termos água quente e aquecimento durante o Inverno todo, até que possa haver uma brecha de sol.

José Reis

DESPORTO — Começou a época desportiva 2012/2013. No primeiro treino apareceram todos..., apareceram aqueles que gostam de trabalhar, de colaborar, de praticar desporto; apareceram aqueles que gostam de cuidar da saúde e deles mesmo. Para gostarmos dos outros, é necessário gostarmos primeiro de nós!

Todas as semanas temos tido treino. Ainda não conseguimos fazer um treino com todos os intervenientes do grupo de trabalho — aparece sempre uma desculpa! É lamentável que assim aconteça, mas... melhores dias virão. Uma coisa é certa, estamos a começar a afinar a máquina e alguns dos rapazes estão a deixar

para trás a moleza de Verão. Mesmo assim, ainda há quem não se entregue ao trabalho com alma e coração, demonstrando, no terreno, que está com o Grupo Desportivo. Razão tem o nosso Paulo («Merendas») (...). Antigamente quando se gabava este ou aquele, era um estímulo; agora, dá para... e ficam todos cheios daquilo que não presta: *vaidade*.

O nosso campo continua à espera do piso novo, e nós de chuteiras. Estamos convencidos que, quer uma coisa quer outra, vão chegar e, nessa altura, vamos todos rejubilar de alegria.

O Rúben, que era da nossa Casa do Gaiato de Setúbal, é o último reforço. Precisávamos de mais alguns, para colmatar possíveis baixas e o desinteresse de outros.

Vamos continuar a trabalhar, convencidos de que, todos juntos, levaremos o barco a bom porto, aconselhando os mais desinteressados a seguir o exemplo dos que já pulam de satisfação de ver o Grupo Desportivo a mexer, treinando semanalmente.

Alberto («Resende»)

MOÇAMBIQUE

André Fernando



1. O nosso muito obrigado a todos que têm vindo a nossa Casa, com o seu apoio, quer material, moral e espiritual. Neste Sábado recebemos um grupo da Sé Catedral de Maputo, foi muito bonito sentir o gesto de carinho e presença viva de Deus no nosso meio. Vinha com eles o Andorinho, do grupo fundador da 1ª Casa, com a sua esposa.

2. A nossa querida Dra. Cármen regressou a Espanha depois de 18 anos de trabalho em Moçambique, vamos sentir muito a sua falta, pois todas as semanas trabalhava conosco numa dinâmica de psicodrama onde nos ensinava a ver as nossas falhas com mais objectividade. Que Deus a recompense dando-lhe o que mais precisa, SAÚDE.

3. Temos novo chefe-maioral, desta vez é o mano Apolinário, e sub-chefe o Vitorino. Estamos confiantes que vão assumir as funções de manos mais velhos com carinho e responsabilidade. Desejamos sucesso a eles. Sendo a nossa Casa de Rapazes, para Rapazes e pelos Rapazes vamos dar continuidade ao que o nosso Pai Américo e seus sucessores têm-nos ensinado e continuam a ensinar no nosso dia-a-dia.

4. O Distrito está a ensinar a população a criar peixe. Nós fomos integrados no programa e já temos os três tanques preparados, cada um com capacidade para 1500 peixes. Em breve teremos peixe para as nossas refeições.

5. Estamos nos preparativos para o final de ano lectivo. Nesta altura do ano ninguém quer perder tempo, pois o passar de ano com capacidade de continuar os estudos é o mais importante.

6. O nosso agradecimento à Nestlé pela doação de Leite e Cereais, que têm sido uma alegria para o nosso início do dia. □

POSTAIS – COLECÇÃO «PENSAMENTOS» DE PAI AMÉRICO...



Oh Pobres dos caminhos,
monumentos de generosidade,
eu quero deixar saudades
e merecer a vossa bênção
à hora da minha morte!

P. Américo

Está pronta a colecção dos postais que designámos por: *Colecção «Pensamentos» de Pai Américo* — Comemorativa dos 125 anos do seu nascimento, para assinalar o evento.

O exemplar aqui mostrado, tem o formato de 145x105mm, foi impressa em cartolina *Brindakote*; é de um grupo constituído por 56 pensamentos com fotografias das nossas Casas, devidamente referenciadas no verso, onde consta, também, o respectivo espaço para o endereçamento CTT e escrita de pequena mensagem.

O segundo grupo, no formato 114x166mm, é constituído por 8 postais, reservam o interior à escrita e no contra-rostro está impresso o *Pensamento*. Foi impresso em cartolina *Truncard* com brilho.

Já recebemos alguns pedidos de colecções completas e os nossos rapazes da Administração já estão a satisfazê-los.

Lembramos que os pedidos devem ser dirigidos à nossa Editorial da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa; através do telefone 255 752 285; por e-mail: obradarua@iol.pt; e ainda pelo nosso *site* www.obradarua.org.pt — assim como os pedidos de trabalhos tipográficos que os nossos Amigos queiram mandar fazer, para os quais elaboraremos o nosso melhor orçamento.

Júlio A. B. Fernandes

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

VÃO sendo horas de dizer o que nos dão. Nas últimas semanas não tem sido possível ir à cidade, saber dos pedidos deixados, mas penso, mais uma vez, que não é desta. Graças a Deus temos sobrevivido.

É oportuno porém falar um pouco da Carta Pastoral dos nossos Bispos de Moçambique e pelo que vou respigar se pode deduzir, que será difícil entrar nos corações que por cá batem apressadamente, pensando agarrar este mundo, esquecendo o outro. O Senhor «depôs dos seus troncos os poderosos e exaltou os humildes». Pode começar qualquer dia, aqui e agora. Sem rodeios, mas numa análise que me apetece chamar caridosa, ou não deva a Igreja ser o sacramento da Caridade, como lhe chama Santo Ambrósio, reflete sobre o Moçambique, no decorrer de vinte anos após o acordo de Paz, celebrado no dia 4 de Outubro, publicada antecipadamente a 6 de Agosto.

Nela se afirma que os frutos da Paz são a justiça e o bem comum. Relembra o tempo trágico em que todas as confissões religiosas se uniram rezando instantaneamente na ânsia de ver o conflito armado terminar e se fizeram gritantes apelos aos actores em confronto para ter a coragem de depor as armas, ao mesmo tempo

que procuraram confortar o povo moçambicano para se manter com esperança na hora de Deus, a hora da Paz. Paz que chegou após dezasseis anos de guerra que eliminou milhares de vidas, destruiu o património nacional, dilacerou e desintegrou todo o tecido social da família moçambicana. Como frutos contáveis veio uma assembleia nacional, espaço de debate aberto e permanente, uma imagem nova de um país que quer constituir um estado de direito, sair da pobreza absoluta e caminhar na prosperidade. Tornou-se possível a circulação de pessoas e bens, a reconstrução e expansão de algumas infra-estruturas sociais e económicas, a liberdade de culto, a livre associação e até uma certa liberdade de expressão.

No segundo capítulo, aponta constrangimentos e ameaças à paz e à convivência social, divergentes do Acordo na prossecução de fins democráticos e dos interesses nacionais, a necessidade de partidos verdadeiros e não autoritários que calam a maioria esmagadora dos seus membros por disciplina partidária, traçada por uma elite, com medo de expressar a própria opinião. Isso não promove a liberdade e os direitos fundamentais das pessoas, não pode assegurar o futuro da democracia nem assegurar a paz

que só terá garantias numa efectiva transformação dos partidos políticos a partir do seu interior. Como ninguém dá o que não tem... será uma caminhada difícil.

Há uma verdadeira ameaça à paz, quando se manipulam as populações e se arrasta a sociedade civil, algo já estruturada, a olhar para a realidade social de maneira distorcida em detrimento do bem comum. A absolutização dos partidos, o culto à personalidade perigam a democracia e a paz. Os líderes não podem ter atributos divinos, são realidades humanas e passageiras, necessitando de reformas contínuas e críticas construtivas, não podendo por isso humilhar e reprimir quem as faz. Há um autoritarismo anti-democrático quer quando se afirma que um tal partido é que fez, faz e fará, quer quando outro diz transversalmente ser o pai da democracia e verticalmente ameaça pegar em armas ou atear o fogo no país. A convivência democrática está ameaçada também, quando se observa o recurso à intimidação e à força para usurpação de bens comuns e até públicos para benefício de grandes projectos, como os do carvão e do gás ou a oferta de milhões de hectares de terras a um só país, para desenvolvimento agrícola, as florestas a outro, afastando o povo e privando-o de benefícios ancestrais e até a usurpação é prática comum das elites a todos os níveis da

administração. Moçambique é para todos os moçambicanos, é livre e independente para todo o seu povo. Não se cuida porém de libertá-lo da sua ignorância e muito menos do analfabetismo dos próprios direitos. Os mega projectos apagam a ligação com a terra, os hábitos de trabalho, a cultura e até a própria identidade. Por outro lado atraem outro povo ávido de lucros deixando um vazio de valores humanos.

É necessário repensar prioridades e valores sob pena de comprometer a reconciliação, a justiça e a paz. Fazer contracorrente ao embalo de supermercado para os mais espertos e reconstruir Moçambique como uma casa para os moçambicanos. Com a ganância, sinónimo de pobreza espiritual, caem os valores da vida, da fraternidade, da partilha, da reciprocidade, da hospitalidade, do respeito e corresponsabilidade, fontes da cultura do povo e pilares para a construção do bem comum. Superar a pobreza tanto económica como espiritual. É urgente repensar os mega projetos em consonância com os interesses nacionais de preservação da paz, da unidade e da convivência democrática, sob pena de perder toda a identidade cultural do povo.

Educar para os valores da solidariedade, partilha e comensalidade.

Esta palavra caracteriza uma vivência muito profunda do povo. É necessário encontrar uma forma de assegurar a distribuição equitativa das riquezas e responsabilidade para com as gerações futuras. Há países a olhar para Moçambique com tal avidez que já competem na exploração das riquezas do subsolo. São os grandes grupos económicos que levaram a Europa à ruína e não lhes importa que daqui a uns anos a África vire pior do que está hoje, fomentando e alimentando guerras internas sugando todo o sangue para manter as suas indústrias. Numa reunião havida há dias na África do Sul foi dito que dentro de pouco Moçambique seria outra Guiné, como pivot central de droga, contrabando e tráfico de seres humanos. Parece que não é prognóstico, mas sim maquinação estruturada, por quem? Diga quem já sabe. Os Bispos pedem que a actividade Pastoral priorize a formação dos cristãos para exercerem uma cidadania activa, ética e responsável na consolidação da democracia para a preservação da Paz. Será como atravessar descalço a nossa floresta de espinheiras, para subir ao alto da serra. Haja coragem! «Eu venci o mundo», disse Aquele para quem o futuro é presente. □

«Dai-lhes vós mesmos de comer»

«TEMOS fome». A esta declaração alarmante, não podemos fechar o coração como se não tivéssemos nada a ver com a situação precária de muitas pessoas que todos os dias andam pelas ruas a mendigar e nos interpelam por um pedaço de pão. A rua é o lugar do encontro escandaloso entre a condição miserável e a abundância luxuosa entre os próprios irmãos. Em condições normais, de sensatez e humanismo, os entraves que encerram as portas dos armazéns de alimentos seriam retirados, e o arame que veda as medidas das injustiças sociais viria a dar lugar à distribuição equitativa do bem comum, como forma de responder ao problema.

Pela nossa porta, sempre aberta, entram as vítimas da miséria e do abandono. A primeira necessidade do homem é alimentar-se, ninguém foge à regra. Desde os primórdios da humanidade que este dado se mantém plausível e constituinte da própria natureza biológica herdada como fundamento do próprio património predeterminado. Aqui o homem é igual aos outros animais. Deste modo, a luta pela sobrevivência se encarrega de sustentar os argumentos para tal afirmação.

Pelos mesmos caminhos cruzam-se os rostos desfigurados pela fome. A dor e o sofrimento aproximam as suas vítimas. O Senhor Jesus também percebeu que a multidão que O escutava tinha fome de pão, e mandou satisfazer esta necessidade urgente, fazendo acontecer o milagre da multiplicação dos pães. Sinal evidente do dinamismo impulsor da partilha, da fraternidade e da comunhão de bens entre os homens. Nada temos que seja nosso, tudo provém da Vossa infinita bondade: por isso mesmo e muito mais, Vos bendizemos sem

cessar. Vivemos da solidariedade de outros pobres, sendo estes os primeiros a perceber as necessidades dos outros pobres. Ninguém melhor que um pobre pode ajudar e compreender outro pobre.

Dezenas de famílias, entram pela nossa porta, constataam as nossas muitas aflições para poder dar dignidade a estes benditos filhos do Pai do Céu. A fome é uma perseguição contínua, sem igual. Ela faz fugir o lobo do mato, diz o adágio popular. Como o peregrino sedento no meio do deserto, encontra um oásis para morrer de felicidade temporária até se saciar o quanto puder, para depois continuar a marcha, assim é o grupo destas famílias que formam a lista dos nossos operários, que prestam os seus valiosos préstimos laborais naqueles sectores onde os rapazes, por falta de habilidade, mestria e experiência não os podem operar com profissionalismo e brio. Pois o trabalhador merece o seu salário. É verdade indiscutível vinda do Evangelho! O pão-nosso que pedimos em cada dia que nasce, se consegue com o trabalho. A caridade é o epicentro de tudo o que ousamos fazer. Ela é o garante da providência. Convencer o mundo desta certeza é um trabalho irremunerável, mas nobre e valioso por si mesmo. Nossas poucas migalhas são frutos da solidariedade e das esmolas de outros pobres.

Se as migalhas que da vossa mesa restam dos bens que o Senhor Jesus multiplicou, viessem ter às nossas mãos, faríamos doze cestos, como os apóstolos, e ajudaríamos a saciar a fome a estas famílias, famintas não só de pão, mas também de esperança, na certeza dum amanhecer despreocupante e sereno: serenidade logo no princípio do dia significa: pão e paz.

Em que lugar do mundo e em que família, sejam elas pobres ou ricas, não se almeja uma manhã de sol favorável? Quer estando num palacete ou em barracas de capim ou, ainda, em cúbicos axadrezados de adobe. Tal fim é humano e quando assim acontece o mesmo não pode ser opcional. Não nos cansamos de esperar por ela — e tal ocasião propícia há-de chegar. A esperança é um estofado confortável, de que nos podemos apoiar sem nunca nos cansarmos, é uma almofada de ar fresco no fim do dia quando reclinamos a cabeça. Experimentem o incrível; e quando faltar o pão não lhe faltará a coragem de o procurar, e o gosto acrescentado de o saborear. Sim, o pão merecido.

Padre Quim

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

no encaço das escolas. *A porta aberta*, entretanto, convida bastas vezes aos desabaços. Desta feita, tratava-se de saber do paradeiro de um irmão, filho de mãe solteira, que há meio século se deixou de ver. Uma mulher simples, a perder a vista, de lenço na cabeça, em jeito de luto continuado, veio cedo, inesperadamente, de zona costeira. A progenitora partiu depois do parto e o menino foi para algures, qual agulha num palheiro.

Outro duro encontro outonal, em visita a pobres, é também elucidativo do que vale a verdadeira família. Foi um apelo recorrente de Queluz que nos deixou muito inquietos. Encontrámo-nos, outra vez, com uma mulher a arribar, deixada pelo companheiro e com um rapaz nas suas asas, sem direitos escolares e a dormirem no chão. Porém, para além de coisas, a maior carência foi-nos atirada repetidamente à queima-roupa, no diálogo franco e aberto: — *Eu quero o meu pai...* Este choque frontal deixou neste filho um grande vazio, que é um difícil desafio para quem o vai ajudando a estacar.

Nestes caminhos de vidas desfeitas, não se apaga da nossa retina ainda o derradeiro encontro em Monte Abraão com um pai pobre e amargurado; pois, a ânsia sufocante de acolhimento, para o seu pequeno esganiçado, parecia adivinhar tal desenlace. Entre nós, há assim pais distantes, separados, desconhecidos, em reclusão e que já partiram... Essa ausência e a saudade não pode ser a desgraça dos filhos.

Se o lugar insubstituível da mãe no coração do filho é incontornável, a presença do pai também é muito determinante no seu desenvolvimento harmonioso. Veja-se a marca indelével que deixaram no célebre Pasteur e foi inscrita na sua casa: *Oh! Meu pai e minha mãe!*

É venerável a tradição dos pais abençoarem os seus e também nós acreditamos na sua eficácia. Na verdade, reza Ben Sira que *a bênção do pai fortalece a casa dos filhos!* □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

indiferentes. As autoridades civis têm um papel importante nesta área social, chamando a contas os responsáveis por estes crimes sociais. A Igreja e as comunidades religiosas não podem esquecer esta responsabilidade social, através da formação humana e religiosa, sobretudo. A autoridade dos intervenientes será, porém, tanto mais eficiente, se for exemplar no seu testemunho de vida. Ontem, um grupo numeroso de adolescentes e jovens veio acampar, no fim-de-semana, no espaço da nossa Casa do Gaiato. É uma camada privilegiada a quem devemos falar destes problemas. Queriam saber para quem se destinava a Casa do Gaiato. Um terreno maravilhoso para lançar a boa semente. Pelo que viram e ouviram ficaram mais conscientes dos cuidados que devem ter, no meio dum sociedade, altamente corrompida e tentadora. Sabemos que não basta um encontro casual, pois os perigos são diários. De qualquer modo, a mensagem foi escutada e desceu ao coração. O acompanhamento, porém, é o segredo do êxito neste, como noutros serviços educativos.

Desta vez, apareceu um pequeno com mais de dez

anos. É natural dum vila, a cerca de trinta quilómetros de Benguela. Apareceu sem registo, sem escola, sem nada a que nos pudéssemos agarrar para normalizar a sua vida. Padre Quim, na companhia dum rapaz mais velho, foi ao encontro de alguém da família do rapaz, um pequeno, verdadeiramente prostrado, na margem do caminho social. Não queremos nem devemos abandoná-lo. Entramos no seu caminho do abandono, com o coração cheio de amor. Hoje, de manhã, ficou gravada, em nossa mente e em nosso coração, a Palavra que nos apresentou a cena do bom samaritano, com o homem assaltado e prostrado à margem da estrada, quase morto. Um sacerdote, daquele tempo, e um levita passaram, ao lado, e seguiram o seu caminho. O bom samaritano aproximou-se e ajudou o homem a salvar-se. Não passou indiferente. É uma cena impressionante em que o amor espontâneo, desinteressado, terno e serviçal, pessoal e eficaz, aparece ao serviço da vida. Quem dera as nossas vidas sejam marcadas por este tipo de amor. Porque só quem ama é capaz de dar vida ao que está morto. O pequeno que estava morto, à margem da estrada social, recuperou a vida. Está em nossa Casa. Tudo o mais será feito para o ajudar a ser um homem. □

SETÚBAL

Padre Acílio

NO 148º aniversário da sua fundação, a Humanitária de Palmela convidou-nos para a sua festa. Naturalmente que aceitámos, por ser através dela, que cinco professores de música se deslocam a esta casa e vêm ensinar os rapazes a ler e a executar música instrumental, todas as semanas.

O convite não foi tão inocente como eu julgava. Não. Aguardava-me uma surpresa: — *A assinatura de um protocolo da Humanitária com a Autoeuropa com vista a manter esta ajuda cultural aos nossos rapazes.*

O ambiente era de festa e de grande calor humano como é próprio das pessoas de Palmela. A enorme sala estava repleta de gente de todas as idades e, eu, inesperadamente, sou chamado a falar.

Que havia de dizer com tanta alegria na alma?!

Agradei, elogiei recatadamente este precioso auxílio e preguei o Evangelho sem falar em religião.

Desassombradamente afirmei que somos uma obra pobre ao serviço dos pobres e contei-lhes o caso, relatado no Património dos Pobres, daquela mãe que dormia na estação do caminho de ferro da Amadora e viera na véspera, à Casa do Gaiato buscar os 100€ com que mantém um quarto para dormir.

MALANJE

Padre Rafael

QUEM receber um destes mais pequeninos, recebe-Me a Mim... Quando recebo um desses mais pequenos, paro a pensar se serei capaz de o acompanhar toda a vida, se terei a saúde necessária, se terei os meios para lhe oferecer o melhor; então, percebo que somos uma família e isso é tudo o que lhe podemos oferecer.

Ao chegar com o autocarro a uma das paragens dos estudantes, pareceu-me ver um rosto conhecido que me saudava pela fresta duma. Era o pequeno Mariano que não via desde que fugiu de Casa, acerca de cinco meses.

— Porque não vens a Casa e comes comigo? — disse-lhe. E de um salto subiu para o autocarro.

Depois de deixar todo o pessoal, aparquei o autocarro e fomos comer na salinha. Perguntei-lhe quantos dias dormiu em casa da mãe, respondeu que só um dia.

— Bom, e o resto dos dias? — continuei a perguntar.

— *No corredor de um prédio. Mas, agora, encontrei um carro abandonado e ali ninguém me incomoda.*

Enquanto comia, saco-lhe do bolso 115 kwanzas (um euro) — produto que tinha conseguido a pedir durante toda a manhã —, e peço-lhe que me deixe guardar-lhe o dinheiro até se ir sair de Casa. Este é

É O PÃO

Padre João

O sacerdote é o homem do Pão. É constituído despenseiro desse alimento precioso. Na falta dele, conhecida ou suspeitada, não pode calar-se. Sua vida é “um andar” por ele, inquieto, mais pelos outros que por si próprio. Deve escutar o clamor por ele nas ruas, nas casas ou no silêncio do “tabernáculo” — veladamente nos silêncios dos corações. Mais que ninguém...!

Ninguém se pode calar quando a sua falta é gritante ou se sente, por perto, a falta de equidade na sua distribuição...

A Paróquia é uma casa especial de partilha do pão. Ali devem chegar os sinais dessa carência nas mesas e nos corações. E Nova Evangelização deve converter-se em espaço de pão; de muito pão partilhado e que chegue a muitos famintos...

O Padre Américo nasceu perto de uma grande eira familiar e um espigueiro é seu modelo de amor de família. Ter-lhe-á, esse facto, aguçado a sensibilidade aos famintos de tantas fomes?! Cremos que sim...

No “Páginas Escolhidas” encontramos textos muito interessantes e belos que o atestam e imortalizam. Eis um deles — qual naco saboroso dessa reminiscência. São Saudades da eira, do moinho e do Pão...

Vem mensalmente, porque sempre leva alguma coisinha para comer e um acrescento para a viagem.

Desta vez quis o Senhor Deus que lhe confiasse duas notas de 50€ com que a comunidade Carmelita de Setúbal me costuma auxiliar, quando lá vou, ao sábado, celebrar a santa Missa. No sábado anterior havia-me esquecido de pôr o envelope no bolso, por forma que neste ultimo, trouxe dois envelopes.

Como me soube bem dar este dinheirinho sagrado à pobre mãe. Valor que aquele grupo de cristãos põe na minha mão com tanta confiança e carinho.

Ela mal sabe falar por ser guineense e viver muito só, mas tem um aspecto tão doce e tão terno que me toca. A sua pequenina de quatro anos foi, há quinze dias, operada ao coração e está a recuperar. — Eis o que eu preguei. A heroicidade desta mãe que para salvar a filha se sujeita a tantos sacrifícios e a beleza daquele dinheiro sagrado que lhe pus na mão!

DESFILE DE MODAS — Amiga nossa de longos anos, reabriu uma escola de corte e costura em Setúbal, e tendo necessidade de fazer um desfile de modas, pediu-me que aceitasse o produto da exposição: 1463,34 euros. Que a escola progrida, a ponto de poder de novo, vir fazer grupo com as senhoras que também regressaram. □

um grande problema dos rapazes da rua, se não têm dinheiro no bolso não se sentem seguros.

— Bem, vais ficar ou vais fugir novamente. — Ele disse-me que ia ficar todo o fim-de-semana. Depois de comer, falei com o Zé para lhe dar um banho, vesti-lo de lavado e calçar-se um chinelos.

Mariano é um dos muitos meninos que se dedicam a mendigar pelas ruas, para poder subsistir. Sempre que me encontro com algum, animo-o a ir à Casa do Gaiato quando se cansar da rua. A maior parte não vem; outros, são recolhidos pelo Estado que depois no-los encaminha. Este foi o caso do Mariano. Claro que o trouxeram à força e não passou meio-dia e já tinha fugido. Por duas ocasiões voltaram a trazê-lo e ele voltou a fugir. Esta é a primeira vez que vem voluntariamente. Será definitiva?, de momento fez-se muito amigo do Sambumba e do «Pesadelo», pois não se conheciam.

Hoje, celebrou a Missa de sábado o Padre Quim, pois durante a próxima semana irá para Benguela. Foram muitos os meses que partilhou connosco e vemos nele um grande padre da rua.

Depois de quase um mês sem escola por causa das eleições, os rapazes voltaram a recuperar o ritmo escolar. Nesta altura estão em período de exames. Este ano terminam os estudos secundários o Hernani, o Quinito, o Santos e o Paulo. □

«Eu atravessava, na maré, da casa-mãe para a Capela. Era noitinha. Gosto de entrar ali àquela hora por causa do bruxulear da lucerna... De um grupo de pequeninos que vinham da merenda, destaca-se um e oferece-me. Eu recusei. Ia para a Capela e ali não é sítio de comer. Mas o pequenino insiste. Estende a mãozita que segurava o seu quinhão, dizendo amorosamente: “tire uma codinha”. Não resisti. Tirei e comi ao pé dele. Assim comecei a minha oração, que continuou na Capela ao bruxulear. Era noitinha...

Nesse mesmo dia, chega do Porto o Carlos Veloso, que ali fora aviar um recado. Veio no último comboio; eram quase horas da ceia. Entregou-me uma regueifa de Valongo, muito bem cosida e muito apetitosa, que um amigo nosso lhe dera para me entregar. Calhou passar por ali na maré o mesmo pequenino que há pouco me tinha dado do seu pão. Era hora de retribuir. Dei-lhe um bocado de regueifa, que ele aceita com simplicidade enquanto beija a minha mão.

É o pão. O pão é a base de toda a justiça e de todo o amor. O Mestre começou a sua vida de apostolado por dar pão e depois fez tais amigos, que deram naquele tempo e dão hoje a vida por Ele». □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

OS pobres batem à minha porta como última tábuca de salvação. O seu recurso é causa de pesado e contínuo sofrimento mas a solução ou alívio das actuais e terríveis amarguras é, ao mesmo tempo, fonte de felicidade e alegria.

Quem me dera poder suavizar quando a dor vem ter comigo!

Um grupo de senhoras me aguardava para «*a tal palavrinha*». Uma delas relata-me a sua situação da forma seguinte: Cozinha, alumia-se e vê televisão com uma ligação directa, após o corte da energia. O gás foi eliminado, mas, por enquanto, ainda o frio não aperta e tem uma placa eléctrica para confeccionar refeições. O marido perdeu o trabalho porque a empresa fechou, mas sem um terço do subsídio de desemprego o qual fica na Segurança Social para cobrir dívidas atrasadas. A prestação da casa há muito que não é paga.

Com dois filhos e grávida, apresentava um aspecto anémico de quem se alimenta de pão e pouco mais. O banco exigia 1500€ para renegociar a dívida da casa.

A gente ouve. O relato é verdadeiro. O que a senhora desabafa é real, mas eu preciso de me certificar.

— *Posso ir a sua casa!*

— *Acompanha-me?*

Meti-a com a filha no carro e lá fomos.

A casa era o retrato perfeito de quem estava no fundo do poço, sem esperança nenhuma de vir ao de cima. «*Não temos alma para nada*». Desculpava-se a grávida aos meus reparos do desalinho em vista. «*Vamos perder a nossa casinha! Olhe que estávamos a pagá-la há quinze anos*».

Não nos sentamos porque o ambiente não convidava; mas, de pé, conversei: — *Você com o seu marido, podem ir à noite, falar comigo à Casa do Gaiato?*

— *Sim. Ele tem carta e o irmão empresta-lhe o carro.*

Naquele dia, logo, foram ao banco e regressavam com propostas concretas: Abaixamento da prestação mensal com a entrada de 2650€.

Foi quanto lhes dei. A esperança voltou aos seus corações. Enchemos-lhes os sacos de boa comida e a alma de júbilo.

O cego de nascença que o Senhor curou, rejubilava de alegria, mas este casal, tanto ele como ela, não lhe ficava a trás em manifestações de gratidão e júbilo.

Disse-lhe: — *Devemos agradecer a Deus. Este dinheirinho com que remimos a vossa casa, nasce de corações que amam a Deus, se doem dos Pobres e se sacrificam.*

Quanta gente com pequeninas reformas, dorida dos Pobres, reparte comigo por amor de Deus, repetindo o gesto da pobre Viúva do Evangelho que deu da sua penúria tudo quanto tinha?! Quanta?! Quantas páginas heróicas, eu guardo como relíquias sagradas em cartas escritas! Sim guardo-as, o que escrevo, rasgo, mas aquelas cartas ficam recolhidas como testemunhos gloriosos de fé.

— *Dêem graças a Deus!* — assim os despedi.

Veio ontem um senhor que recebera indemnização da sua empresa para despedimento.

— *Leio o que escreve sobre os Pobres e venho trazer-lhe o dízimo, 20.000€.*

Duas medidas da escritura sempre actuais, a da penúria da Viúva do Novo Testamento e a do Antigo Testamento que este Amigo vem cumprir acompanhado do neto, trazendo-me o dízimo.

As duas medidas neste ponto de encontro que é a Obra da Rua!

Neste Ano da Fé, como esta sem obras é morta, segundo São Tiago, que os cristãos sem imitar a medida da Viúva do Novo Testamento não esqueçam ao menos a medida do Velho Testamento: o dízimo!

O que eu escrevo e relato n’O GAIATO não passa de uma amostra das mágoas que diariamente me chegam. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Poupar no comer, poupar no vestir, poupar no zarcão! De tal maneira o mundo se diverte e com tamanho estrondo se pinta, que as famílias pobres estremeçam em suas casas e sentem a vida a cair aos pouquinhos, abalada com tanto barulho. Mais respeito pelos sem-pão!

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.